

NINGUÉM SEGURA A ESTRUTURAL

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

O movimento é constante. Dia e noite. Pelas ruas esburacadas e poeirentas, caminhões trafegam com móveis empilhados, e carroças passam carregadas de madeirite e telhas de amianto. No alto dos postes que a Companhia Energética de Brasília (CEB) fincou no início de junho pelas mesmas ruas, os funcionários de uniforme azul apressam a ligação dos fios de alto tensão. Ainda este mês, as famílias da invasão da Estrutural terão luz nos seus barracos.

A benfeitoria da energia elétrica e a garantia do governador Joaquim Roriz de dar prioridade aos moradores da invasão no programa habitacional têm encantado famílias carentes, que estão construindo dezenas de barracos por toda a favela. As pessoas vêm até das cidades do Entorno. Cercam lotes com arame farpado, capinam o mato e fincam as madeirites no chão. A maioria dos novos invasores tenta disfarçar o barraco novo. Usam óleo diesel queimado para pintar as frágeis tábuas, dando-lhes aparência de velhas.

Há ainda denúncias de especulação. Gente que invade,

capina a vegetação de cerrado, cerca o lote e constrói o barraco. Depois vende. Não escapa nem a área à beira da pista da Estrutural, que liga o Plano Piloto a Taguatinga. Os barracos já podem ser vistos de longe. Há até casebres de alvenaria. Como o que a mineira Glair Monteiro Rocha, de 34 anos, está construindo. Ela mora em Céu Azul, cidade vizinha a Valparaíso, na região do Entorno.

"Lá não tem lugar para morar como aqui. Estamos arriscando como todos os outros da Estrutural arriscaram", conta a dona-de-casa, mãe de quatro filhos e mulher de um vendedor de limpador de pára-brisa. Desconfiado, o cearense Antônio Dário do Nascimento, 61 anos, observa de perto a construção da casa de um cômodo. E solta o comentário desaprovando o inchaço da invasão. "Dona moça, isso aqui é um descuido só do governo. Se não tomarem providência, daqui a pouco os barracos chegam à pista", conta o invasor,



que diz estar há mais de dez anos na Estrutural.

A baiana Rosita Maria Gomes também não gosta dos novos invasores. "O que está acontecendo aqui é uma falta de vergonha. Os caminhões de mudança chegam de noite e de dia, e a polícia não faz nada. Daqui a pouco vão fazer barraco até dentro do córrego (Vicente Pires)", reclama a viúva de 48 anos que mora com dois dos 12 filhos numa chácara da invasão. Ela afirma que nas últimas duas semanas, a invasão aumentou muito. "Só encostados na minha cerca têm cinco. Estão

ATRAÍDA PELA INSTALAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA, NOVA LEVA DE INVASORES OCUPA MAIOR FAVELA DO DF

lá pra quem quiser ver", descreve, apontando para os barracos.

POLICIAMENTO

O inchaço da Estrutural não é novidade para o governo. Estimativas do Sistema de Vigilância Integrado do Solo (SivSolo) e do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) apontam quase 800 barracos construídos de janeiro para cá. "Estamos tentando impedir, mas não conseguimos controlar todos", admite o gerente do SivSolo, coronel Jair Tedeschi. Já são 3 mil os barracos da Estrutural.

O único cuidado para evitar "o crescimento demasiado da invasão" é o policiamento 24 horas, na entrada da invasão. A equipe de três policiais militares é orientada a impedir a entrada de caminhões carregados com material de construção. Mas não conseguem. "Ficamos só aqui. Há outras entradas", explica o soldado Vélio Germano de Oliveira, de 35 anos.

Com as novas invasões, a

Estrutural, que há seis meses vinha exibindo tranquilidade, beira um conflito iminente. Dona Rosita, por exemplo, denuncia ameaças. "Isso aqui está perigoso. Podem até me matar. As pessoas invadem a minha chácara e depois saem dizendo que eu é que loteei e vendi", conta a viúva, que diz morar na área há 15 anos.

Realmente é o que comenta a vizinhança. "O problema aqui é a Rosita. Ela perturba todo mundo. Vende lotes e depois implica com o pessoal", afirma a vizinha baiana, Alzira da Silva Soares, de 24 anos. Na frente do seu barraco que tem um bar e uma mesa de sinuca, a prima Lúcia Silva, de 30 anos, começa a construir. "Mora com o meu sogro, que está há oito anos na Estrutural. Por que não posso ter o meu canto e ganhar o meu lote?", questiona a mãe de três filhos.

MIGRANTES

Mas os novos invasores não surgem apenas dos barracos antigos da própria Estrutural. Há os migrantes. Juliana Souza, 20 anos, abandonou o aluguel de R\$ 150,00 na Quadra 212 do Recanto das Emas para cercar um lote na favela. A mudança chegou ontem de manhã. Geladeira, fogão de quatro bocas, camas desmontadas e panelas estão amontoados no chão de poeira fina.

O marido Valdir, um marceneiro desempregado de 27 anos, batia o martelo nos pregos tentando juntar as madeirites velhas que comprou. "Hoje mesmo vou morar aqui", diz a moça, mãe de uma menina de dois anos, que ficou com a mãe no Recanto das Emas. "Só não fiquei numa das invasões do Recanto porque lá está tudo lotado", explica Juliana. O casal resolveu então arriscar a Estrutural. "Estão colocando energia elétrica. Não iam fazer isso de graça. Acho que vão deixar o pessoal aqui", apostou a nova moradora da invasão.

MEMÓRIA

REMOÇÃO DE INVASORES A CONTA-GOTAS

Durante quatro anos, o governo Cristovam Buarque anunciou que retiraria os invasores da Estrutural. Mas as primeiras famílias só começaram a abandonar o local em 1997 e 1998. Feito o cadastramento pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional, 1.011 de um total de 3.272 famílias concordaram em ser transferidas para lotes semi-urbanizados

no Recanto das Emas, Planaltina, Samambaia e Riacho Fundo. Restaram, portanto, 2.261.

Esse número, entretanto, já é bem maior. Foi crescendo desde que o governador Joaquim Roriz assumiu o Palácio do Buriti. O SivSolo estima em três mil o número de barracos na invasão. A contagem não é precisa porque a equipe do Idhab não terminou o levantamento socioeconômico das famílias e a marcação dos barracos com tinta azul.

Até agora, já foram pesquisadas 1.810 famílias. A previsão é que o trabalho termine no final deste mês. Isso, é claro, se a

construção de barracos for contida. Ainda não há operação marcada para a remoção dos novos invasores. Só ficarão lá os antigos, que moram há mais de cinco anos no local.

Na avaliação do governo, essas famílias passaram a ter prioridade na política de moradia desde o momento em que foram transferidas da Alta para a Baixa Estrutural no governo passado. O governador Joaquim Roriz nunca falou, porém, em assentar os invasores no local, mas em transferi-los dali. Em compensação, receberiam moradia em vez de apenas lote.